

# Sarjeta

Puxa a meia que a galocha cisma em comer, toda a noite a mesma história da meia descendo calcanhar abaixo e logo a borracha da bota é que come a pele no atrito do ofício; volta a varrer. Depois desses eventos, a sarjeta fica que parece quarta-feira de cinzas. A lua no topo da Avenida Paulista e ele lembra que a Luciana tinha pedido um lustre para o quarto do menino, podia pôr logo a lua de uma vez.

Ganha o adicional noturno e é tão melhor o frio chuvoso dessas madrugadas, tanta emoção entre o canteiro central e a faixa da esquerda, os carros passam bêbados sem notar a faixa amarela brilhante que traz no peito, ele mesmo tem que escapar em saltos precisos. Se for atropelado, nem vão parar e socorrer. Vai ficar ali jogado espalmado e rasgado feito o gato da vizinha, a marca do pneu estampada nos pelos. Pior coisa morrer com os intestinos assim de fora, todo o mundo olhando e torcendo os lábios de asco, o filho mesmo apontava o gato e vomitava como quisesse pôr pra fora as próprias tripas por compaixão. Luciana atenderia ao telefone e talvez ouvisse com ódio a palavra “embriagado”: de novo o marido caído com a vassoura numa mesa molhada de um boteco que vai fechar, dona! Mas depois a palavra motorista ressoaria no retorno dos labirintos – tem labirinto no ouvido e deve ter no cérebro também, senão a gente não demorava tanto pra entender as coisas.

Luciana ia chegar esbofada, a barra da camisola enlameada. Ia ver o intestino e talvez vomitasse, ou quem sabe se desvencilhasse do policial franzino pra se atirar no corpo em espasmos teatrais e femininos. Ou quem sabe levasse um tempo pra botar o vestido florido que estava na cadeira e visse o corpo já sob o plástico preto, talvez chorasse discreta seduzindo o guarda com sua força também teatral, respiraria fundo vendo o futuro turvar sob a lua que parece o lustre que ela queria para o quarto do menino. Mas a condução a essas horas demora e talvez ela chegasse a tempo apenas de ver a poça de sangue espumando na coca-cola que os outros garis esfregariam com as próprias vassouras.

Pode ser que esta noite não passe nenhum carro bêbado e ele encontre uma nota de cem ou um colar muito chique de alguma travesti de sucesso que dançou

demais num dos trios elétricos. Um anel de brilhante ou um celular no meio dos panfletos, preservativos coloridos, garrafas de vinho barato e serpentina. Teria sido bom brincar ali, quem sabe teria encontrado a irmã metida num dos carros gigantes dançando de biquíni e o cabelo enorme voando, o sorriso. Mas Luciana teria lembrado Jesus e quem sabe até mesmo o Papai Noel ficasse zangado, na frente do menino ela fala do Papai Noel.

Luciana chega já sem lágrimas e não vomita porque o intestino está escondido onde devia estar, a cabeça é que pende esquisita. O policial lhe segura a barra do vestido florido, mas ela atravessa a barreira só pra ficar parada em pé, as mãos diante da boca numa descrença que poderia ser teatral não fossem os gestos tão discretos. Olha a mão do marido segurando a vassoura como um bebê que dorme apertando o dedo da mãe. O sangue brilha de lua e purpurina prateada, e escapa do bolso do uniforme um trapo enegrecido de um cachecol colorido. A outra mão segura ao acaso, entre o amarelo emborrachado das luvas, um panfleto sobre diversidade sexual com a foto de um beijo carinhoso sob marcas de sapato. O rosto lívido de barba feita e a reminiscência de um sorriso brutalmente interrompido, os olhos atrás da máscara quase nova da mulher-gato.

Mariana Carrara é graduada em Direito pela USP.  
E-mail: mscarrara@gmail.com